

**LEXEMAS DA TRADIÇÃO PICARESCA  
E A SUA RECUPERAÇÃO  
EM A NOITE E A MADRUGADA, DE FERNANDO NAMORA**

Antony Cardoso Bezerra (UFRPE)  
[bezerra.a.c@gmail.com](mailto:bezerra.a.c@gmail.com)

**RESUMO**

A tradição picaresca permeia outras esferas que não a dos Sécs. de Ouro da Literatura Espanhola. Considerando-se esse legado, investigam-se, à luz, sobretudo, de um referencial da Lexicologia, campos lexicais usuais na picaresca conforme trabalhados no romance *A Noite e a Madrugada*, do romancista português Fernando Namora. Reconhece-se a aproximação entre as duas dimensões, mas não se ignoram as diferentes funções exercidas pelos lexemas num e noutro planos literários.

**Palavras-chaves:** Picaresca. Fernando Namora. Lexicologia.

**1. Introdução**

Partindo-se de uma concepção que não veja o gênero picaresco como datado, mas que também, por outro lado, negue a existência de linearidade e de fidelidade na incidência dessa tradição sobre o período posterior ao século 17 da Literatura Espanhola, neste trabalho, sustenta-se uma posição intermediária: a picaresca não é nem definitivamente transtemporal, tampouco limitada no tempo.

A partir desse juízo, advoga-se em prol de uma hipótese: o escritor português Fernando Namora<sup>16</sup>, num dado momento de sua carreira literária – o chamado “ciclo rural” –, é responsável pela recuperação de temas caros à Literatura picaresca. Essa crença não é solitária, sendo mesmo corroborada pelo próprio autor:

Tenho procurado, bem ou mal, encaminhar-me para a *novela pícara*

---

<sup>16</sup> Nascido na região portuguesa da Beira, o poeta, romancista e ensaísta Fernando Gonçalves Namora (n. 1919; f. 1989) pode ser visto como um dos autores mais representativos do Neorealismo literário em Portugal. Desenvolvendo paralelamente à vida literária a atividade de médico, com recorrência, o autor busca na realidade de clínico a matéria-prima para a composição de considerável parte das suas obras.

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

*peninsular*, e o meu romance *A Noite e a Madrugada* é um passo nesse caminho, como o será o novo livro *O Trigo e o Joio*, que estou a terminar. (NAMORA *apud* DAVID-PEYRE, 1977, p. 48)

Os meus livros *A Noite e a Madrugada* e *O Trigo e o Joio* não foram, ousou supor, enfiados num molde picaresco por recurso estético: o picaresco é que veio ao seu encontro, visto que as personagens e a atmosfera lhe fizeram apelo. (NAMORA *apud* LOPES, 1957, p. 9)

É claro que a tentativa do romancista pode não ter logrado êxito. Essa ponderação consiste, assim, numa das mais fortes razões para se verificar até que ponto romances do referido ciclo bebem da fonte picaresca. No entanto, é necessária a disposição de meios para atestar tal influência. No presente artigo, intenta-se apresentar um dos caminhos possíveis para aprofundar a questão.

Numa tentativa de abordagem da produção de Namora evitando-se tanto impressionismos quanto dogmatismos, o instrumental oferecido pela Lexicologia parece se constituir como adequado à investigação das conjecturas levantadas. Isso não quer dizer, no entanto, que o presente estudo seja norteado exclusivamente por teorias lexicológicas. Também ideias provenientes da crítica e da historiografia literárias se apresentam como adjuvantes no inquérito ao texto. Dessa forma, escusa-se do mecanicismo acarretado por uma transposição acrítica de um método lexicológico à análise de um objeto literário.

Para representar o “ciclo rural” de Namora, escolheu-se o romance *A Noite e a Madrugada* (1950), opção condicionada por uma razão-chave: trata-se do livro do ficcionista que, de acordo David-Peyre (1977, 1978) – investigadora de três livros de Namora, tendo por pauta o universo picaresco –, mais elementos pícaros apresenta (V. 3).

Com o fito de se inquirir o texto de Namora à luz do instrumental ventilado, segue-se um percurso que tem início com a compilação de lexemas hauridos em caps. dos romances que formam a conhecida “triade fundamental da picaresca”, a saber: *Lazarillo de Tormes* (1554?), de autor anônimo; *Primera Parte de Guzmán de Alfarache* (1599), de Mateo Alemán; e *El Buscón* (1626), de Francisco de Quevedo (V. 4.2, para detalhamento das parcelas pesquisadas). A partir da noção de campos lexicais (V. 4.1), inventariam-se palavras

que, assim, representariam temas da picaresca, as quais, por isso, servem de base ao inquérito lexicológico do próprio romance de Namora.

Em sintonia com essas considerações, o artigo se desenvolve em etapas que cobrem: a realização de um bosquejo histórico da tradição picaresca (capítulo 2); com recurso à fortuna crítica, um comentário de *A Noite e a Madrugada* na produção literária de Fernando Namora (capítulo 3); a especulação em torno de como a Lexicologia pode auxiliar no estudo de um texto literário, expondo-se, a seguir e em detalhes, o método utilizado na composição do glossário (capítulo 4); a análise de excertos de *A Noite e a Madrugada* nos quais há a presença de lexemas pícaros – sempre no intuito de observar como esses se inter-relacionam na narrativa (capítulo 5). Nos apêndices do artigo, estão o glossário de lexemas picarescos (“Apêndice A”) e os lexemas apicarados que se observaram em *A Noite e a Madrugada* (“Apêndice B”). Ambos os inventários foram subdivididos levando-se em conta os campos lexicais abordados.

## **2. A tradição picaresca espanhola em linhas gerais**

No escopo do presente estudo, acredita-se que romances modernos e contemporâneos nada mais possuir contar da tradição picaresca espanhola que vestígios, haja vista tratar-se de conjunturas histórico-estéticas profundamente distintas (acerca do problema, cf. MONTE, p. 160-161). Ou seja, a investigação ora proposta longe está de argumentar a favor de uma inserção de *A Noite e a Madrugada* numa tradição picaresca; antes, busca observar em que medidas duas Literaturas – espanhola dos Sécs. de Ouro (16 e 17) e portuguesa do séc. 20 – mantêm um diálogo.

A tradição picaresca espanhola inicia com *La Vida de Lazarillo de Tormes*: y de sus fortunas y adversidades, de autor anônimo (quatro eds. conhecidas de 1554). Vale destacar que, quanto a essa afirmação, não há unanimidade. Alguns críticos, a exemplo de Parker (1971, p. 39), defendem ser o *Lazarillo* apenas um texto protopicaresco, constituindo-se a *Primera Parte de Guzmán de Alfarache* como o marco inicial do gênero. Não se defende tal posição na pesquisa ora exposta, uma vez que o romance de Alemán, expressamen-

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

te, recupera tanto elementos temáticos como, principalmente, formas contidas em *Lazarillo de Tormes*. Embora não tenha sido Lázaro o primeiro pícaro a ser assim designado – Guzmán o foi –, cabe à personagem nascida no Rio Tormes o título de pioneira do picaresco.

Da mesma maneira que se aceita a projeção nítida do *Lazarillo* em obras posteriores (à tradição picaresca como um todo, mas não apenas), vê-se que o romance de autor desconhecido também recebeu influxos de elementos literários e folclóricos – não foi engendrado *ex nihilo* (cf. BATAILLON, 1973, p. 27-55). São frequentemente citados como antecedentes literários do *Lazarillo* a *Celestina* (de Fernando de Rojas) e o *Libro de Buen Amor* (do Arcipreste de Hita). Quanto às raízes populares da obra inaugural da picaresca, refiram-se passagens oriundas da cultura medieval, sobretudo o par moço-escudeiro.

A própria história de *Lazarillo de Tormes*, narrada em retrospectiva pela personagem-título, é um ponto preponderante na atestação do cariz realista da obra. O pequeno romance – que, no nível ficcional, é uma extensa epístola de Lázaro endereçada a um receptor referido como Vossa Mercê – reproduz as principais desventuras da jovem personagem que, ao deixar a casa materna, sai pela Espanha a servir diferentes amos (nove ao todo), razão pela qual é conhecida como o “moço de muitos amos”. A luta pela sobrevivência é o tema dominante da história de Lázaro – luta essa evidenciada através das artimanhas de que o rapaz tem de lançar mão para combater a fome, sua maior inimiga. Além de buscar a sobrevivência – drama do dia a dia –, o protagonista tem por objetivo maior tornar-se um homem de bem, o que se consubstancia ao termo do romance, apesar de sua honra continuar conspurcada, pois tem de compartilhar a mulher com o Arcipreste de Sant Salvador, seu protetor.

A *Primera Parte de Guzmán de Alfarache*, do judeu converso Mateo Alemán, foi publicada em 1599, acrescentando divagações morais ao gênero lançado pelo *Lazarillo* – fato este que está em consonância com a Contrarreforma religiosa. Também o *Guzmán* está marcado pelo realismo, e seu desenvolvimento em muito se assemelha ao do *Lazarillo*. Começa com a descrição da genealogia do pícaro, para, posteriormente, mostrar muitas de suas andanças no serviço dos amos. Contudo, enquanto Lázaro excursiona apenas pela Espa-

nha, o pícaro por antonomásia passa por países da Europa e mesmo pelo norte da África. *Guzmán de Alfarache* é responsável pelo desencadeamento de uma leva de romances picarescos que seria lançada à larga na Espanha da primeira metade do século 17.

Dentre as narrativas que seguiram a onda do *Guzmán*, vale mencionar *La Vida del Buscón Llamado Don Pablos* (de Francisco de Quevedo), publicado à revelia do autor em 1626, mas escrito anos antes. Constituído-se como uma recriação do gênero picaresco, o *Buscón* carrega imagens de exagero bem ao gosto conceptista. Por estar permeado de tiradas moralizantes – muito mais satíricas que propriamente moralizantes –, há quem exclua a obra do cânon da picaresca, caso de McCombie *apud* Parker (1971, p. 64), para quem o livro é um “relato moral”. A verdade, no entanto, é que se tem, na composição, um autor – Quevedo – a revelar toda a sua capacidade de criação linguística, consubstanciada na história de Pablos. Os cerca de vinte títulos que integram o cânon da picaresca estariam concentrados na primeira metade do séc. 17 (cf. TRULLEMANS, 1968, p. 28-29; e GONZÁLEZ, 1994, p. 258-259), ainda que, no séc. seguinte, romances de gosto picarescos se compusessem em mais de um país do ocidente europeu.

### **3. *A Noite e a Madrugada, de Fernando Namora***

Sexto livro em prosa, publicado por Fernando Namora – quarto e penúltimo do “ciclo rural” –, *A Noite e a Madrugada* foi a obra que maior êxito editorial alcançou (após sucessivas reedições, passa dos duzentos mil exemplares) em toda a jornada do escritor. Não é essa, no entanto, a razão que conduziu ao estudo do texto com vistas à sua relação com a tradição picaresca. O fator condicionante para tal foi a tendência que há, entre críticos da obra de Namora, de se apontar *A Noite e a Madrugada* como o romance mais apicarado dos que o escritor redigiu.

David-Peyre (1978, p. 50), p. ex., observa que, apesar de existir uma inclinação da crítica portuguesa a listar três obras do escritor-médico como devedoras da picaresca – *Casa da Malta*, *O Trigo e o Joio* e, precisamente, *A Noite e a Madrugada* –, apenas a última traria elementos pícaros, refletidos especialmente no comportamento da

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

personagem Pencas, posicionamento compartilhado por Lopes (1957, p. 7).

O romance-*corpus* deste trabalho é fruto da convivência do médico Fernando Namora com indivíduos que habitavam uma aldeola na fronteira portuguesa com a Espanha.

Instável, fui [como médico] mais longe ainda, às terras da fronteira onde Espanha e Portugal se espreitam e confundem através dos homens que trocam o labor da terra madrastra pelos riscos da fronteira. [...] O material humano à minha volta era farto [...]. (NAMORA *apud* SACRAMENTO, 1967, p. 97)

A história relata passagens da vida de três personagens – todas de uma mesma família –, atormentadas por males em comum: a pobreza e o desalento. Pencas é um desocupado que mora com o tio cego e vive das esmolas que este consegue e de trapanças. António Parra, irmão de Pencas, é contrabandista e, ao lado de colegas como Clemente e Camarão, trafica na raia entre Portugal e Espanha. O terceiro integrante da família é o velho Parra – pai de Pencas e António. Preocupado com o despejo das terras do Pomar – onde se encontra estabelecido –, o velho incita seus vizinhos a lutar pelo que acredita ser um direito de todos: manter o seu quinhão de terra. As tensões sociais que surgem dos conflitos protagonizados pela figura paterna deságuam em sua morte.

*A Noite e a Madrugada* é, nas palavras de Chalendar & Chalendar, não uma luta “entre o pobre e o rico, mas entre cada um dos participantes nessa população miserável em que todos os laços de amizade são excluídos:” (1979, p. 88). É um romance que – a exemplo da obra de Namora como um todo – evita o maniqueísmo entre o afluyente e o desfavorecido. O autor aposta muito mais em humanizar as suas personagens, com a apresentação de frustrações e de esperanças não por meio de uma visão idealizada; antes, com um aguçado senso de realismo que não impede, no entanto, o narrador de nutrir grande simpatia pelas criaturas que desfilam no romance. Esse é, vale salientar, um diferencial da obra de Namora em relação à ortodoxia de não poucos textos neorrealistas em Portugal.

#### 4. *Lexicologia e literatura*

Deve-se reconhecer que, na apreciação do material literário, o rigor de uma metodologia oferecida por outras áreas do conhecimento – a linguística, a história, a sociologia, para citar alguns exemplos – pode ter, pelo menos, uma utilidade-chave: o rechaço a leituras impressionistas. Por outro lado, nem sempre o empréstimo de um método alienígena pode contribuir de forma positiva para analisar textos literários. Isso se dá, p. ex., quando o analista, partindo do instrumental para a obra, procede a uma aplicação plana de um método que, *a priori*, havia sido desenvolvido para o estudo de outro tipo de objeto. Assim, o que era para ser um facilitador da análise, acaba por se tornar num fator de limitação que, no fim das contas, descaracteriza a atividade crítica.

Posta a ressalva, chega-se, agora, ao ponto em que se pretende mostrar de que maneira a Lexicologia auxilia no estudo do texto literário e, indo mais adiante, como pode ser usada sem que se caia no reducionismo de meramente identificar lexemas agrupados. Antes de estabelecer o modo como é usada a contribuição da Lexicologia, entretanto, cabe expor que noção deste ramo do conhecimento linguístico se defende e qual o recorte mais eficaz para auxiliar na identificação dos estilos literários.

Num estudo pautado pela pluralidade – e que abre mão da profundidade –, Vilela (1994, p. 10) especula em torno da seguinte definição para a Lexicologia:

A lexicologia costuma ser definida como a ciência do léxico duma língua. Isto é, a lexicologia tem como objeto o relacionamento do léxico com os restantes subsistemas da língua, incidindo, sobretudo, na análise da estrutura interna do léxico, nas suas relações e inter-relações.

*Grosso modo*, pois, é possível notar que a lexicologia tem por objeto de estudo o léxico de uma determinada língua. Tal abordagem se dá por meio dos elementos que compõem o léxico – os lexemas ou unidades lexicais. São contemplados no âmbito da Lexicologia, não é demais lembrar, tanto aspectos formais, como de conteúdo, que podem, num estudo, ser diferentemente enfatizados (nesta pesquisa, p. ex., a dimensão semântica recebe maior atenção).

Se a lexicologia é o estudo do léxico da língua, cabe delimitar

o que compõe esse léxico. Em outras palavras, definir o que são os lexemas. Para tanto, parece particularmente feliz a proposta de Biderman (1978, p. 251), segundo quem:

[...] algumas classes de palavras se referem ao universo exterior à linguagem, à realidade, portanto, nomeando os seus elementos. Essas palavras de significação externa constituem a numerosíssima classe de palavras lexicográficas, ou lexemas de conteúdo, classes abertas por definição. Situam-se aí o substantivo, o adjetivo e o verbo.

Tais classes, como indica a própria linguista, são abertas pela capacidade de ampliar seu inventário de lexemas através, p. ex., do neologismo. Da mesma maneira, muitos outros lexemas caem em desuso, pelo simples fato de o referente a que corresponde não fazer mais parte da realidade dos usuários de uma determinada língua.

Para este trabalho, acredita-se não ser apropriado problematizar a extensão do campo da Lexicologia. Portanto, restringe-se o inquérito dos lexemas da picaresca às classes expressamente referidas por Biderman na transcrição feita acima, a saber: substantivos, adjetivos e verbos.

#### **4.1. *Campo lexicais***

A noção de campo lexical é relevante quando se deseja tanto empreender o estudo dos lexemas de uma determinada língua para observar recortes culturais, como também observar rasgos temáticos de um determinado gênero ou de um estilo. Definem-se como “uma estrutura paradigmática constituída a partir das unidades lexicais que possuem uma zona de significação em comum e que se encontram em oposição imediata umas com as outras”<sup>17</sup> (COSERIU, 1972, p. 49.). Ou seja, o campo lexical é determinado por traços (semas) em comum – e distintivos – que determinados lexemas possuem. Nesse ponto, avulta a importância do que Coseriu chama de “arquilexema” – “o lexema cujo conteúdo é idêntico ao conteúdo de um dado campo lexical.” (1972, p. 49). O arquilexema, pois, acaba por ser o lexema que nomeia um campo lexical. Trata-se, precisamente, do pro-

---

<sup>17</sup> Traduziram-se ao português todas as passagens de originais em língua estrangeira.



cedimento adotado na presente pesquisa, em que, a partir de um arquilexema, listam-se os lexemas que apresentem semas em comum.

Procurando, além de definir os campos lexicais, propor uma função para o seu estudo e um método de como fazê-lo, Vanoye (1987, p. 34) defende:

A partir de um texto ou de um conjunto de textos, faz-se o levantamento de todas as palavras ligadas a uma noção, estudando-se depois o material obtido. Pelo reagrupamento das palavras (opostas, sinônimas, associadas, etc.), obtém-se uma definição bastante precisa da noção dentro do texto considerado.

Desse modo, quando se deseja investigar determinados campos lexicais num autor em especial – situação exemplar é a presente –, tem-se em mente a observação tanto da recorrência de determinados temas, como também a possibilidade de estabelecer inter-relações entre eles e, no caso especial de *A Noite e a Madrugada*, verificar como os temas, *via* lexemas, recuperam marcas de um gênero (a picaresca). Tal ponto, por sinal, é particularmente importante porque a picaresca é fruto de uma conjunção de temas numa forma particular. Além disso, a detecção de campos lexicais associados não esgota o gênero; antes, oferece um quadro fundamental.

#### **4.2. Composição do glossário de lexemas picarescos**

Após observar que elementos da Lexicologia contribuem para o estudo de *A Noite e a Madrugada* à luz da tradição picaresca, parece justo expor os critérios utilizados para a seleção de lexemas e, conseqüentemente, a elaboração do glossário de lexemas picarescos.

Antes de mais, cumpre referenciar os trechos de romances picarescos que compõem o *corpus* investigado (sempre no original, i. é, em castelhano).

- (1) *Lazarillo de Tormes* – 2 caps. (“Tractado Primero: Cuenta Lázaro su vida y cómo hijo fue”; “Tractado Tercero: Como Lázaro se asentó con un escudero, y de lo que le acaesció con el”);
- (2) *Guzmán de Alfarache* – 6 caps. (“Libro Primero”, “Capítulo I: En que cuenta quién fue su padre”; “Capítulo III: Como Guz-

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

mán salió de su casa un viernes por la tarde y lo que le sucedió en una venta”; “Capítulo VI: Guzmán de Alfarache acaba de contar lo que le sucedió con el mesonero”; “Libro Segundo”, “Capítulo II: Dejando al ventero, Guzmán de Alfarache se fue a Madrid y llegó hecho pícaro”; “Libro Tercero”, “Capítulo II: Saliendo de Génova Guzmán de Alfarache, comenzó a mendigar y juntándose con otros pobres aprendió sus estatutos y leyes”; “Capítulo IV: Guzmán de Alfarache cuenta lo que le sucedió con un caballero y las libertades de los pobres”);

- (3) *El Buscón* – 4 caps. (“Libro Primero”, “Capítulo I: En que cuenta quién es y de donde”; “Capítulo III: De cómo fui a un pupillage, por criado de don Diego Coronel”; “Capítulo v: De la entrada de Alcalá, patente y burlas que me hicieron por nuevo”; “Libro Tercero”, “Capítulo VI: Prosigue el cuento, con otros varios sucesos”).

As discrepâncias na quantidade de caps. selecionados por livro se justificam pela própria extensão dos romances – o número de seções analisadas está na razão diretamente proporcional ao número de páginas dos livros. Tal perspectiva conduz à composição de um glossário condizente com a representatividade – ao menos no número de lexemas – dos textos. Vale ainda ressaltar que a eleição dos caps. não foi feita de forma aleatória. Já se conheciam previamente os romances, e isso fez com que os caps. que viessem a integrar o *corpus* fossem, precisamente, aqueles que concentrassem a maior variedade de temas picarescos.

Para se realizar a listagem dos lexemas, algumas medidas foram levadas em consideração:

- (1) O exame dos lexemas picarescos foi feito primeiramente no *Lazarillo*, a seguir no *Guzmán* e, por fim, no *Buscón* – seguiu-se a ordem cronológica das primeiras edições. A primeira ocorrência de cada lexema foi devidamente anotada e incluída no glossário. Caso um lexema se repetisse na investigação de outro romance (ou no mesmo), foi registrada a ocorrência, sem que, no entanto, a repetição se destacasse no glossário;
- (2) Os lexemas foram registrados na primeira forma em que aparecem (flexionada ou não). Os reincidentes – independentemente

de flexão – foram desconsiderados na contabilização. Desse modo, as ocorrências posteriores se tomaram como repetições, tivessem a mesma flexão ou não;

- (3) Não se contabilizaram os sintagmas – apenas lexemas isolados. Assim, no caso de “peça de roupa”, p. ex., são listados “peça” e “roupa” separadamente. Para esse procedimento, serviu de inspiração Soares (1980) – num estudo lexicológico de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis –, que optou por contabilizar os lexemas isoladamente;
- (4) O agrupamento em campos lexicais foi realizado após a listagem dos lexemas. Embora se reconheça a existência de lexemas que poderiam ser incluídos em mais de um grupo, não foram transcritos em mais de um campo. Existindo interseção de semas, optou-se pelo encaixe do lexema no campo em que houvesse mais semas em comum;
- (5) Todos os lexemas listados estão em castelhano, exatamente como aparecem nos textos. Inclusive na ed. do *Buscón* utilizada, em que a grafia das palavras não é modernizada.

### **4.3. A não equivalência entre o vocabulário das línguas**

Um ponto que deve ser levado em consideração na análise do diálogo entre mais de uma Literatura nacional é o das línguas em que foram originariamente redigidos os textos. Nesta pesquisa, o castelhano (romances picarescos) e o português (*A Noite e a Madrugada*). Em virtude de se empreender um inquérito pautado na recorrência de lexemas, é imprescindível explicar-se a não equivalência entre as línguas, haja vista serem – como componentes da cultura – peculiares a cada povo, a cada comunidade. O “relativismo linguístico” proposto por Hockett *apud* Biderman (1998, p. 96) é esclarecedor nesse sentido, pois revela que as línguas – aí incluídos os lexemas – fazem diferentes recortes do que se chama de realidade.

Deve-se ressaltar, portanto, que não se sustenta uma comparação de identidade entre lexemas – antes, de aproximação. É que, uma vez regidos pela noção de campos lexicais, os estudos ora realizados lidam muito mais com os semas comuns entre um lexema e

outro – sem ligações diretas a um determinado idioma. Nesse caso, pois, não é estritamente necessário que ambos pertençam à mesma língua. Mesmo quando se tratar de um lexema que, no dicionário, seja referido como a tradução de outro lexema, releva-se tal condição, haja vista descartar-se a possibilidade de existir identidade interlinguística. No quadro proposto, sob a perspectiva dos campos lexicais, a proximidade entre “*tocino*” e “*toucinho*” seria quase a mesma que há entre “*tocino*” e “*centeio*”. Afinal de contas, os três lexemas estão no campo lexical da alimentação. Foge-se, assim, à armadilha da equivalência entre lexemas, pois sempre há determinados aspectos – até mesmo de uso – que impedem a identificação de lexemas em duas línguas.

##### **5. *A Noite e a Madrugada e a Tradição Picaresca: análise dos campos lexicais***

Com base nas regras expostas no capítulo anterior, o escrutínio das passagens de romances picarescos resultou num glossário de lexemas característicos do gênero, os quais, também conforme informado, delimitaram-se em campos lexicais (V. “Apêndice A”). A definição dos campos lexicais se deu a partir das considerações de comentadores da picaresca e das propostas referidas em 4.2. Seis são os campos em que se agrupam os lexemas: (1) alimentação; (2) economia; (3) criminalidade; (4) genealogia; (5) sujidade; e (6) vestuário. Os campos lexicais foram cotejados com oito seções de *A Noite e Madrugada* – justamente aquelas em que Pencas, personagem que maiores semelhanças guarda com a picaresca, aparece.

A cena inicial de *A Noite e a Madrugada* apresenta a personagem Pencas num entrevero com uma cobra. O episódio é presenciado por conhecidos do vadio que, no bar de Santiago, bebem e jogam cartas. O trecho que segue, também no princípio do romance, traz lexemas que se encaixam em campos lexicais da picaresca conforme propostos na pesquisa:

Por isso, de uma das vezes, tinham-no [Pencas] obrigado a descalçar as botas para a fiança, e acabara o jogo sem vinho e sem palhetas. [...] Restava-lhe apenas uma pequena esperança de más sinas, o tio mudo, cego e surdo, que na mendigaria se fizera arditoso, e havia semanas que ele regressava à toca sem dinheiro luzidio: toda a gente teimava em

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

enfiar-lhe na sacola *centeio* e *toucinho*, ou umas reles *moedas* de *cobre*. [...] Às vezes, pensava que o velho *pedinte* possuía, decerto, um escondido atulhado de *esmolos*, moedas aos montes [...]. O velho era *raposo* e *velhaco* [...]. [Itálico próprio.] (NAMORA, 1994, p. 14.)

É útil notar que, no trecho acima, os lexemas dizem respeito tanto à personagem Pencas como ao seu tio cego – ambos morando juntos. Já na referência ao “tio”, é contemplado o campo lexical da genealogia. Os outros campos lexicais representados nessa passagem são o da alimentação (“vinho”, “centeio” e “toucinho”), da economia (“fiança”, “mendigaria”, “moedas”, “cobre”, “pedinte” e “esmolos”), da criminalidade (“ardiloso”, “raposo” e “velhaco”) e do vestuário (“botas”). Tratando especificamente das botas, é válido comentar que a posse de um calçado será obsessão de Pencas até o desfecho da narrativa, quando finalmente rouba as que estão nos pés do pai defunto. É relevante perceber que, dos alimentos encontrados no trecho, todos estão bem próximos dos que compõem o universo picaresco – até mesmo sua procedência, pois são frutos de esmolos.

Destaque-se ainda que, no excerto, é possível identificar a relação direta entre dois campos lexicais: da economia e da criminalidade. Não se pode desprezar o fato de um interferir diretamente no outro – para ter dinheiro, a personagem se utiliza de expedientes ilícitos; e, lançando mão da trapaça, consegue seu sustento.

Outro trecho de *A Noite e a Madrugada* a apresentar lexemas relativos a campos lexicais típicos da picaresca é o que segue. Nesta caracterização da personagem Pencas, estão representadas a genealogia, a criminalidade e alimentação.

Toda a gente sabia que, para o Pencas, uma *enxada* era pior que um lobisomem de chavelhos e patas de cabra. O *pai*, a *mãe*, toda a *família* tinha moído inutilmente aquele corpanzil de pancadas para o afeiçãoar à enxada. Em Montalvo, desprezar o *trabalho* do campo é não *comer*. A não ser para os *vagabundos* e para a gente do *contrabando*, o *pão* e o *toucinho*, aquele *naco* de pão de toucinho para não morrer de *fome*, pede todo o verdor de um corpo e de uma enxada. [Itálico próprio.] (NAMORA, 1994, p. 19.)

A referência a graus de parentesco é feita nos lexemas “pai”, “mãe” e “família”, que indicam a ascendência de Pencas. Tal fato, conforme já ressaltado, é bem característico do universo picaresco, pois o pícaro é uma personagem que, de certo modo, reedita compor-

tamentos que eram praticados já por seus genitores (desonestidade, falta de valores, luta pela sobrevivência *etc.*). O pícaro é, pois, um indivíduo de caráter predeterminado – sem que deixe, no entanto, de ser também influenciado pela sociedade em que coexiste.

Nos outros lexemas distinguidos, pode-se mais uma vez observar a clara implicação que existe entre os aspectos econômicos e as atividades ilícitas – somando-se, neste caso, à alimentação. Quem não tem aptidão para lavrar a terra, e assim tirar o seu sustento (“trabalho” e “enxada”), tem de recorrer à contravenção (“contrabando” e “vagabundos”) para, com o dinheiro conseguido desse modo, poder se alimentar (“comer”, “pão”, “toucinho”, “naco” e “fome”).

Se, na picaresca, a pobreza está diretamente ligada à sujidade – na descrição de cenas que causam asco no receptor do romance –, em *A Noite e a Madrugada*, a história não é muito diferente. O trecho que segue é exemplar nesse sentido.

Por último, restara-lhe a companhia de um velho. Tinha as pernas *chagadas* e as *varejeiras* investiam da rua a sugar-lhe as *úlceras*. Uma noite em que se deitara sobre o estômago, durante o sono agitado imaginou que as *chagas* lhe roçavam os beijos. Toda a vida lhe ficara esse sabor na boca. [*Itálico* próprio.] (NAMORA, 1994, p. 182.)

Uma vez preso por roubar o taberneiro Santiago, Pencas vê-se detido na cadeia de Montalvo. Em sua cela, um dos companheiros era o velho descrito no trecho. A cena retratada pelo narrador é muito forte e lembra mesmo tiradas do *Buscón*, especialmente aquelas em que aparece o licenciado Cabra – “Trazia uma boina nos dias de sol, ratada com mil buracos e guarnições de gordura; era feita com uma coisa que foi pano, com fundos de caspa” (QUEVEDO, 1988, p. 64). O que vem a diferenciar o *Buscón* e *A Noite e a Madrugada*, no que diz respeito especificamente aos quadros sórdidos, é o fato de, no primeiro, haver ênfase no fundo irônico das descrições; ao passo que, no romance de Namora, há, aliado ao sentimento de nojo, o de comiseração. Tal se justifica pela forte adesão que o romancista português tinha em relação a suas personagens. A imagem representada através de “chagadas”, “varejeiras”, “úlceras” e “chagas” nada tem de curiosa, mas muito mais de chocante.

Uma das preocupações que norteiam a odisséia do pícaro é a de ser um homem de bem. Não custa lembrar que Lázaro, assim que

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

consegue juntar algum dinheiro, apressa-se em comprar uma capa, calças, um colete e sapatos – todos seminovos. A aparência, evidenciada através do uso de boas roupas, aproxima ou distancia um homem da honra. Como se pode ver no extrato que segue, com Pencas, a situação é similar.

O Pencas ainda não tinha *botas*. Mas *vestia calças* novas. Calças novas e também uma *peça* de roupa mais vistosa: uma *camisa* de um amarelo-canário. [...] Agora, que tinha *dinheiro* e ninguém lhe pedia *fianças*, dispensava a *despesa* das botas. [*Itálico próprio*.] (NAMORA, 1994, p. 121)

Logo após conseguir dinheiro de maneira espúria – segundo comentários dos habitantes de Montalvo, por meio da delação de companheiros contrabandistas –, a personagem surge vestida com “calças”, “peça” de “roupa” e “camisa”, faltando-lhe apenas “botas” novas. Foi nas roupas, portanto, que Pencas investiu seus ganhos. Para comprá-las, era necessário que o meliante tivesse capital. De fato, a economia está traduzida em lexemas na passagem transcrita, nos lexemas “dinheiro”, “fianças” e “despesas”. Mais uma vez, ficam evidenciadas as relações de implicação que se formam na composição do universo picaresco – seja ele autêntico; seja, apenas, aparentado.

O pícaro, até mesmo pela fome que tem de encarar em virtude de sua pobreza, é um indivíduo extremamente preocupado com a alimentação – elemento vital para a sobrevivência. Nesse ponto, Pencas realmente mostra seu vínculo à tradição picaresca, como o trecho transcrito deixar ver.

Mais certa era a *comida do tio*, mas era *vianda* de *mendigo*: encortilhava-se nas *goelas*, um bolo duro de *azeitonas* encarquilhadas, *castanhas* cruas, *pão* seco, *cebolas*; por isso, um *caldo*, de vez em quando, era necessário para afagar o *estômago*. [*Itálico próprio*] (NAMORA, 1994, p. 21)

Num inventário das comidas que Pencas costumava consumir, o narrador inclui “azeitonas”, “castanhas”, “pão”, “cebolas” e “caldo”. Embora não tenham sido contemplados no inventário de lexemas, é curioso notar os adjetivos que caracterizam determinados alimentos (“encarquilhadas”, “cruas” e “seco”), pois denotam o estado pouco saudável em que se encontram as refeições que Pencas se via obrigado a fazer. Afinal de contas, tratava-se de “vianda” de “mendigo”, e era a única maneira de saciar o “estômago”. Mais uma vez,

no trecho apresentado, há uma interseção entre campos lexicais: neste caso entre o dos aspectos econômicos – mais particularmente da pobreza – e o da alimentação.

Já se sabe que o meio através do qual o pícaro consegue o seu sustento não é aconselhado pela lei. Ora, Pencas – e muitos dos que dele estão próximos – é também adepto de atividades ilícitas. No trecho que segue, detectam-se alguns lexemas que denotam essa conduta.

“Daqueles *malandros* tudo se podia esperar: até *dinheiro*. *Ganho* ou *roubado*.” [Itálico próprio.] (NAMORA, 1994, p. 132)

Há dois pares de lexemas. Um está filiado ao campo lexical da criminalidade (“malandros” e “roubado”) e o outro ao dos aspectos econômicos (“dinheiro” e “ganho”). É claro que os campos citados estão sobremaneira interligados, pois, conforme já dito, a contravenção é um meio para se obter nada mais que dinheiro, que, por sua vez, dá condições ao pícaro de sobreviver. Desse modo, mais ainda se reafirma a necessidade de encarar os campos lexicais não do ponto de vista do insulamento, mas sim como interligados em relações de implicação ou mesmo de inclusão – afinal de contas, “roubar” se integra também ao campo lexical dos aspectos econômicos.

## **6. Conclusão**

Em que pese a o presente trabalho aliar duas dimensões aparentemente inconciliáveis – problemas que demandariam discussão extensa constrangidos na forma de um artigo –, não se acredita que o tom em que se elaborou seja o da superficialidade pretensiosa. Ora, se se indicou que a investigação estaria restrita apenas a recortes das obras literárias abordadas, os resultados a que se chegou são válidos, ao menos, para o *corpus*; e se os caps. analisados são representativos dentro dos romances que integram, não parecerá falacioso especular-se em torno de sua projeção num universo mais amplo da tradição picaresca. Ademais, um método haurido em referenciais da Lexicologia se revelou apropriado ao inquérito enriquecedor de *A Noite e a Madrugada*, pois que tanto a comparação com a picaresca como o levantamento de lexemas (integrados aos campos lexicais) tornaram possível deslindar estruturas do texto português em sua inserção his-



tórica.

Afora esses aspectos, espera-se, ainda, que o artigo possa trazer três contribuições em especial: evidências de que a picaresca incidiu em criações sucedâneas aos Sécs. de Ouro da Literatura Espanhola; verificação de que são vários os aspectos que, uma vez reunidos, dão forma ao texto picaresco; listagem de lexemas picarescos num glossário que, se utilizado sem amarras, pode conduzir o pesquisador a tirar conclusões úteis acerca do influxo que determinado texto tenha – ou não – sofrido da tradição picaresca.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALEMÁN, Mateo. *Guzmán de Alfarache I*. 3. ed. Madrid: Cátedra, 1994.

BATAILLON, Marcel. *Novedad y Fecundidad del “Lazarillo de Tormes”*. 2. ed. Salamanca: Anaya, 1973.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. *Teoria linguística: linguística quantitativa e computacional*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.

\_\_\_\_\_. Dimensões da palavra. *Filologia e Linguística Portuguesa*. São Paulo, n. 2, p. 81-118, 1998.

CHALENDAR, Pierrette; CHALENDAR, Gérard. *Temas e estruturas na obra de Fernando Namora*. Lisboa: Moraes, 1979.

COSERIU, Eugenio. La struttura del lessico. In: AGOSTINI, Francesco; SIMONE, Raffaele; VIGNUZZI, Ugo. [Orgs.]. *La Grammatica, la Lessicologia*. Roma: Bulzoni, 1972, p. 43-58.

DAVID-PEYRE, Yvonne. O elemento picaresco em três romances de Fernando Namora / I. *Colóquio/Letras*, Lisboa, n. 40, p. 48-56, nov. 1977.

\_\_\_\_\_. O elemento picaresco em três romances de Fernando Namora / II. *Colóquio/Letras*, Lisboa, n. 41, p. 45-53, jan. 1978.

GONZÁLEZ, Mário M. *A saga do anti-herói: estudo sobre o romance picaresco espanhol e algumas de suas correspondências na literatura*.

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

- tura brasileira. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.
- LAZARILLO de Tormes. 12. ed. Madrid: Cátedra, 1997.
- LOPES, Óscar. *Fernando Namora*: ensaio crítico seguido de um inquérito ao autor criticado. Porto: [s.n.], 1957.
- MONTE, Alberto del. *Itinerario de la novela picaresca española*. Barcelona: Lúmen, 1971.
- NAMORA, Fernando. *A noite e a madrugada*: romance. 12. ed. Mem Martins: Europa-América, 1994.
- PARKER, Alexander A. *Los pícaros en la literatura*: la novela picaresca en España y Europa (1599-1753). Madrid: Gredos, 1971.
- QUEVEDO, Francisco de. *O buscão*. Lisboa: Livros do Brasil, 1988.
- \_\_\_\_\_. *La vida del buscón llamado Don Pablos*. 15. ed. Madrid: Cátedra, 1996.
- SACRAMENTO, Mário. *Fernando Namora*. Lisboa: Arcádia, 1967.
- SOARES, Maria Nazaré Lins. *Vocabulário das Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Rio de Janeiro: [s.n.], 1980, v. 1: Introdução.
- TRULLEMANS, Ulla M. *Huellas de la picaresca en Portugal*. Madrid: Insula, 1968.
- VANOYE, Francis. *Usos da linguagem*: problemas e técnicas na produção oral e escrita. São Paulo: Martins Fontes, 1987.
- VILELA, Mário. *Estudos de lexicologia do português*. Coimbra: Almedina, 1994.

**Alimentação:**

Aceíte, alfajor, almorzar, almodrote, apetito, asase, ayunos, azúcar, banquete, beber, biche, boca, bocados, caldo, carne, carnero, cebada, cebones, cena, cenar, centeno, cocida, cocina, comer, comida, conejo, cuchillos, desayuné, dientes, dieta, digerir, empachado, estómago, faisán, fiambre, gallinas, glotón, golosina, goloso, guisados, gula, hambre, hambriento, harina, huevos, jarro [de vinho], longaniza, mantequillas, mascar, mendrugo, merienda, mesón, miel, migaja, molletes, morder, muleto, nabo, oveja, paladar, pan, pastelería, pastel, pellejo, perdiz, plato, pollos, provisiones, queso, raciones, royendo, sabor, sabroso, salsa, sopa, taberna, talabarte, ternera, tocino, torreznos, tragar, tripas, vianda, vino.

**Criminalidade**

Alcahueta, artes, astucia, astuto, bajos, burla, cárcel, codicia, contaminaba, corromper, cruel, delito, emborrachóse, embuste, engaño, engañosas, engañará, falsos, golpes, gusto, hábiles, hechizaba, hipocresía, hipócrita, holgazones, hurtar, hurto, ladrón, ladroncillo, logrero, maldad, malicia, malicioso, mañas, maldad, malvado, mentir, mezquino, mofador, ordinarios, pecado, pecador, presidio, preso, prisión, robaba, sacar, sagaz, traidor, vagamundos, venganza, vicio, viles.

**Economia:**

Ambición, archipobre, artificio, astucia, avariento, bellaca, bellaquería, blanca, cambio, caridad, criado, desgracias, daño, deuda, dinero, ducados, falta, fruta, ganancia, honra, lazería, leche, limosna, limosnera, maña, maravedí, mendicativas, mendiguez, menguando, miserables, moneda, necesidad, negocio, nobleza, padecer, pagase, perjuicio, plata, pobremente, pobres, pobreto, pobreza, provechos, protomiseria, reales [moedas], renta, revés, riqueza, roturas, trueco.

**Genealogia:**

Descendiente, heredó, hermanico, hijo, hija, huérfano, madre, nacimiento, padre, padres [mãe e pai].

**Sujidade:**

Asco, asqueroso, caspa, ensució, descomer, escarbar, estropeado, gargajo, heridas, hiede, inmundicias, llagado, macilentos, porquerías, pulgas, purgó, ratones, remendada, roto, sarna, sucio.

**Vestuario:**

Camisa, capa, calzas, capote, guantes, harapos, jubón, manga, pantuflos, peinado, ropa, sayo, sombrero, taleja, trapos, vestido, vestirme, zurrón.

**Apêndice B –**

***Lexemas de A Noite e a Madrugada que acusam influxo picaresco***

**Alimentação**

Água, assados, azeitonas, bacalhau, banha, bebia, bolo, bucha, caldo, carne, castanhas, cebola, ceia, centeio, chorume, chouriço, côdea, comer, comida, couves, dentes, digerir, digestão, engoliu, estômago, farinha, feijão, fome, galinha, garrafa, golo, gulodice, jantaras, jejum, licores, mastigando, migalhas, molho, naco, ossos, ovos, pão, petiscos, presunto, sopa, taberneiro, toucinho, trigo, vianda, vinho.

**Criminalidade**

Ardiloso, astúcia, aventureiros, bandido, batota, burla, burlão, canalha, contrabando, ébrio, embriaguez, emprego, esbulhar, esmoleiro, gatuno, ladrão, ladroeiras, larápio, malandrice, malta, maltês, manha, meliantes, mesquinhas, moicante, peralvilhos, preso, raposa, roubar, roubados, roubos, safadeza, safados, safardana, tinhoso, traição, vagabundo, valdevinos, velhacaria, velhaco, vigarista.

**Economia**

Carteira, centavos, cobre, despesa, dinheiro, enxada, esmolas, ganho, mendigo, miseráveis, miséria, moeda, negócio, notas, pagante, pedinte, pesetas, pobretana, rico, trabalho, tesoiro, vinténs.

**Genealogia:**

Bastarda, família, filho, irmão, mãe, pai, pais, tio.

**Sujidade:**

Arrotou, ascos, catarro, chagadas, chagas, cuspiu, diarreia, doenças, escória, fartum, fedorenta, feridas, imundo, lazarento, lazeirento, lixo, mijo, moléstias, náusea, nauseabunda, nojento, nojo, piolhos, porcária, porcos [na pocilga], pulgas, pus, sarna, sebo, sórdidas, sujas, sujeira, sujidade, suor, tifo, tumores, úlceras, urinavam, varejeiras, vermes.

**Vestuário:**

Alpargatas, bolso, botas, calças, camisa, casaco, chapéu, colete, esterco, fato, jaleca, maltrapilhos, pano, peça, rasgão, roupa.